

Eu, as crianças e o espelho

Regina Maria Neiva Mesquita

Qual a criança que ao passar por um espelho nunca parou para se ver? O que ela vê? E o que nós, professores, vemos dela, com a ajuda do espelho? Essas perguntas ajudaram a organizar uma atividade com crianças da Educação Infantil, numa escola da Rede Municipal de Educação, onde trabalho. O objetivo era conhecer as crianças e trabalhar a linguagem corporal e as expressões fisionômicas.



Num primeiro momento, algumas indagações na roda de conversas da classe foram feitas às crianças antes de chegarmos ao espelho: Você fica triste? E alegre? Quando? O que deixa você mais triste? E o que faz você ficar muito contente? Quando você viu o colega irritado? E por quê? Você acha que triste é o mesmo que zangado? O que é zangado? Quem já ficou zangado com a professora? Por quê? Num papel ofício, dividido ao meio as crianças desenharam, de um lado, uma ação que as deixassem tristes e do outro, uma que as deixassem alegres. Cada um contou o que havia desenhado e fui percebendo o sentido de suas ações e a veracidade das suas emoções. Em seus desenhos falavam da alegria de quando iam

passar em algum lugar: praia, parque, e o mais citado, o *shopping*. Entre o que as deixava tristes, muitas falavam de conflitos entre eles e outras pessoas do seu convívio.

Brincamos de fazer expressões fisionômicas, ainda sem o espelho, mostrando cartões de pessoas tristes, alegres, zangadas e sem demonstração aparente de algum sentimento. Depois eles poderiam escolher uma expressão para desenharem uma pessoa, mãe, pai ou irmão, mas somente o retrato 3x4, o do rosto, em que ficasse claro o que aquela pessoa poderia estar sentindo. Num outro dia pensei: é hora de enfrentar o espelho. O que ele tem a dizer sobre nós e nossas expressões? O que vemos nos outros e o que vemos em nós mesmos? Que imagens de si e dos seus alunos uma professora pode encontrar no espelho? Tão comum em nossa vida, ao ser utilizado como recurso pedagógico, propiciou uma experiência inusitada. Coloquei-os à frente dele e aí todos queriam de alguma forma se ver. Surgiram alguns desentendimentos, pois uns se colocavam na frente dos outros. O espelho era pequeno para a quantidade de crianças da turma (vinte e cinco) e para a ansiedade que tomava conta de seus corpos. Constatei que a linguagem do corpo precisa ser vista não só pelos outros como também por nós mesmos. LE BOUCH (1982), ao concordar com [Wallon](#) e [Lacan](#), destaca a grande importância a "fase do espelho". Nela podemos notar que a criança se percebe como completa à medida que vê a sua imagem corporal projetada, tendo a nítida noção de um todo organizado e não mais, como o bebê que vê, fragmentada. A necessidade que aquelas crianças tinham de se ver não era pura vaidade e sim uma demonstração clara de que o seu corpo fala, sente e acima de tudo pensa. A maioria das crianças se relacionava com o espelho. Poucas conseguiam interagir com os outros através dele, até porque era uma surpresa poder se relacionar consigo mesmo. Eles precisavam experimentar, simplesmente. E foi o que fizeram. As imagens que ficaram em minha mente foram de crianças pulando, fazendo poses, caretas, se aproximando e se afastando dele, beijando-o... No entanto, uma delas não parava de rir e isto me fez

refletir um pouco mais sobre a simbologia do espelho: uma imagem externa e afetiva, enfim é o encontro com o olhar do outro de forma



apurada e sensível. E ainda, a possibilidade de também ver a si mesmo.

O que as crianças disseram em seus desenhos, os sinais do corpo e de sua linguagem fizeram com que eu conhecesse mais os meus alunos e a relação que tenho com eles.

Também eles passaram a se conhecer um pouco mais. Nesse dia não foi possível fazer mais nada, eles ficaram olhando a sua imagem no espelho – uma imagem que, talvez, fosse a primeira vez que vissem: a experiência de se ver por inteiro, de se ver de um outro modo como nunca haviam se visto, “de fora”, coisa que, geralmente, só é possível aos outros. Ali não caberia também perguntar o que estavam sentindo ou que estavam vendo. A linguagem não cabia no discurso, ela era um jogo entre o corpo e a imagem que o espelho devolvia.

REFERÊNCIAS

- LE BOUCH, J. *O desenvolvimento psicomotor: do nascimento até 6 anos*
- *A psicogenética na idade pré-escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

sobre o(a) autor(a):

Licenciada em Pedagogia pela UVA e Especialista em Educação e Reeducação Psicomotora pela UERJ. Professora da Casa da Criança Del Castilho.